ANO II — Lisboa—Segunda-feira, 15 de Abril de 1918 — N.º 342

Pela Grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
António Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua da Natalia, 134

Editor — João M. Santos

Telefone: C. 1035

Annibal de Azevedo

Na desordem da minha emoção eu não sei como evocar esta admiravel figura de rapaz. Ela excede toda a internecida camaradagem que já agora nos prenderá na vida e na morte. Não é o heroi antigo,—o heroi no sentido naturalista das filosofias em crepusculo com o seu culto cego da Força que nós temos que contemplar em Annibal de Azevedo. Partindo para os campos de batalha com um simples galão de alferes, é ve-lo como a sua bravura se alia á sua inteligencia para o impôr como um chefe assombroso na beleza imortal dos seus vinte e quatro anos!

No nosso movimento de moços, Annibal de Azevedo foi dos que mais cedo infileiraram comosco. Seguiu-nos de perto com a sua mascara fortemente vincada nas conferencias da *Questão Iberica* e, ainda na Escola de Guerra, o 14 de Maio veiu prova-lo na sua coragem reflectida e intransigente. Será duvida pela ação apostolica de Annibal de Azevedo é que Norton de Matos acusou, nessa altura, e em pleno parlamento, os cadetes da Escola não só de monarquicos, mas até de integralistas. Exagerava este sinistro marchante. Mas a convicção inflamada do nosso companheiro valia bem pelo melhor dum forte. Não tardou que, já official, Annibal de Azevedo se revelasse com as qualidades superiores duma superior vocação militar. Disciplinado dentro do dever e dentro da honra, não hesitou em entrar no movimento de 13 de dezembro. E' que ao brio e á independencia da sua espada cabiam, como a ninguem, as palavras celebres do general Donop no livro *Commandement et obeissance*. «*A ordem nasce da ordem*, — ensina-nos ele—*não se cria nem se mantem sendo pela ordem. O exercito não é o exercito da ordem, não é o conservador da ordem, sendo com a condição de obedecer a um governo de ordem, pelo qual a ordem se assegura; mas quando em logar de ordem, um governo promove a desordem, divide o país e desenvolve nele o odio, o exercito que lhe obedece deixa de ser o exercito da ordem. Torna-se, sem que de ontemão o ignore, o exercito da desordem e a sua obra em nada se distingue da dos apaches, de quem ha já o habito de facilitar o concurso em casos dificeis.*»

Compreende-se assim como soldado na carne e na alma, Annibal de Azevedo não hesitou em prestar o seu apoio a uma tentativa revolucionaria destinada a desembaraçar-nos da oligarquia jacobina. De resto, nem outra atitude se esguardaria legitimamente, no seu apaixonado nacionalismo, tanto mais que o direito de revolta, desde que seja por uma causa justa, é reconhecido até pela propria consciencia christã. Não historiemos aqui os passos que experimentaram Annibal de Azevedo, enquanto não chegou a sua vez de sair para França. Preso a bordo do *Lourenço Marques* e mais tarde no Hospital da Estrella, ficará para um capitulo de memorias individuaes a persistencia enlevada com que Annibal de Azevedo encarou sempre de frente o desfalecimento. Só é bom recordar-se que o então ministro da Guerra deveria ter recebido dele uma carta vigorosa que lhe custaria como o golpe dum ezorrague.

Tenho bem viva na minha saudade a manhã de maio em que Annibal de Azevedo me deu o seu abraço de despedida. Não possuindo outra finalidade que não fosse a de se encher de gloria, enchendo de prestigio o *Integralismo*, falam-me ainda na lembrança, as suas frases curtas, ao abalar. E é aqui que a minha emoção me envolve e me domina todo, porque nesse rapaz em quem se incarnam ressuscitadas as virtudes antigas da Raça, não é só o amigo dedicado que eu saúdo, com o coração repartido entre o sobresalto e o entusiasmo.

Saúdo tambem em Annibal de Azevedo o espirito cheio de inquietação religiosa, que se não entrou muda na comunidade da fé, já se não erreda da porta do templo, até onde um dia os rudes pobres tuãos do pecador o conseguiram levar.

Tenho diante dos meus olhos a noite longa do estio em que junto ao mar nós convivemos mais de perto. O seu drama espiritual desenhava-se forte na ansia duma ancora a que se aferrar. Lentamente, o seu pensamento debruçava-se abraçando-o, para a penetração enleante do infinito. E com setembro regelando a marcha dos astros pela profundeza insondavel dos céus, alguma coisa dos ritmos supremos de Deus caía nos nossos dialogos diante do Oceano, repetindo na sua queixa eterna a torturada insaciabilidade de que ambos nos elevava para lá do espaço, fóra de todo o limite, como nunca outra noite, - na noite teologica de Ostia.

Cada vez mais irrequieto na sua necessidade de se repousar em Deus, debalde tentou Annibal de Azevedo iludir a sua necessidade de paz interior. Já na guerra as suas cartas dizem a chama que o devorava sem que um minuto de Graça lhe refreasse no menos as atormentadas interrogações. Era, de certo modo, a viagem do Centurião, repetindo-se magoadamente, nos mesmos caminhos de abrolhos e sangue. Quantas vezes lhe falei do neto de Renan, apontando-lhe como um exemplo a seguir e a meditar. Mundano, com um pequeno sarcasmo a acentuar-lhe a expressão enérgica, Annibal de Azevedo procurava enganar-se. Em vão! O sinal de visto. Cestamparas-o lhe já sobre o peito e, embora não confessasse a Deus na aceitação libertadora da fé, era já bem angustiadamente que ele o procurava. E quando nós sentimos que Deus nos falta, — envia-nos o abade Courmont du *Sens de la morte*, — é porque está muito perto de nós!

Ora quando o alferes Annibal de Azevedo partiu para França, partiu jurando que voltaria de lá coberto de gloria e de medalhas para o *Integralismo*. O seu esforço, a sua coragem inquebrantavel, o insucesso em que lhe desfaziam todas as tentativas, ninguem melhor o conta do que o alferes capelão Padre Avelino de Figueiredo, hoje portador duma folha de serviços em campanha, a que ficará para sempre ligado o nome do nosso movimento. Triunfou a sua vontade de ferro, magnificamente couraçada pelo grande sonho que lhe enchia o animo resoluto. Oiçamos o heroi em carta de março, vespera da Anunciação, dirigida ao Conde de Monsaraz:—«**Escrevo-lhe cheio de contentamento e alegria porque vejo enfim coroados de exito dez mêses seguidos de trabalho e cansaços. Fui condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª classe, proposto para ser promovido ao posto imediato e louvado nos seguintes termos.**» Segue o louvor que não transcrevemos porque justamente o Conde de Monsaraz o quis emoldurar com a sua prosa fulminadora. Mas não resistimos a deslocar para aqui um outro periodo da carta de Annibal de Azevedo. Ei-lo na sua extraordinaria transparencia:

«**No meio das minhas dôres foi esta a grande e unica consolação que poderia ter. Peço-lhe o favo de comunicar isto ao Pequito, ao Sardinha e ao Amaral que, pelo que os prézo e pelo que me prézam, creio bem folgarão um pouco para si do meu contentamento e do meu orgulho.**» Obrigado meu amigo! Obrigado pelo reconhecimento duma camaradagem leal e estreita, já agora selada para a vida e para a morte! E obrigado ainda pela incomparavel reparação que lá de longe me envias inesperadamente numa hora em que os vendilhões do teu sangue me pretendem atingir com a sua babugem infecta.

Não perturbemos, porem, a serenidade deste homenágem, que, ai de nós! talvez seja a duma commemoração funeraria. Condecorado com a Cruz de Guerra de 2.ª classe e indicado para o posto imediato, o tenente Annibal de Azevedo cumpriu a sua promessa, ao impor-se á estima dos superiores pelas suas **grandes qualidades de comando inteligencia e bravura.**

O chefe afirmou-se. Deus permita que na fatal jornada, depois de a Gloria o haver desposado, ciosamente a morte o não queiresse para si!

E eis como o heroi se nos apresenta,—não o heroi da Força, o heroi dos Mitos, na fatalidade cega do Acaso, como Carey e a entendia e pensava. *No meio das minhas dôres*,—e o heroi christão surge-nos aqui mais cavaleiro do que conquistador, com o loiro simbolico tornado na palma verde do martirio. A ideia do sacrificio penetra inteiramente a persistencia iluminada de Annibal de Azevedo. E o que é o sacrificio, senão a imagem revivida, em nós, de drama augusto do Calvario? *No meio das minhas dores*... E o centurião aproxima-se, pela dignidade da espada, do momento supremo da Graça. Não foi um centurião que confessou o Senhor ao pé da Cruz? Não foi outro centurião? Pecheio! Quem quiser arrancar-lhe a couraça de limo e ferro, ao sentir-se libertado pela fé:—*Pois qué, Senhor? E' então tão simples amar-te?* O heroi christão é já a essencia do Santo. E não proclamou Annibal de Azevedo o preço da sanidade, da pureza, resignadamente, humildemente:—«*No meio das minhas dôres, foi esta a grande e unica consolação que poderia ter?*»

Curvemo-nos agora com recolhimento diante do heroi.

Ele possue a citação mais honrosa que se conhece desta guerra. Não precisavam de castigo melhor os que nos insultam dia a dia, profissionalmente, na marcha triunfante do nosso movimento. Deserta-os a sensibilidade moral para que lhes sirva de ferrete o rasgo admiravel dum rapaz que foi soldado de Patria e do Pelicano, tão alto ergueu o seu prestigio de militar e de português. Nós é que não carecemos de nada mais para valorisar a nossa obra entre a sociedade do nosso país. O *Integralismo Lusitano* chama a si a gloria de Annibal de Azevedo e considera-a desde hoje o seu patrimonio de honra.

Desdobre-se a bandeira do Pelicano e seja o nosso heroi o seu alferes-mór,—á maneira antiga.

Quem como ele avançou destemido até á **segunda linha inimiga, impulsionando pela sua acção todo o assalto** é que Deus o reserva para levar mais largo os destinos da sua Patria. Te-lo-á por isso poupado—firmemente o creio!—, *á inexorabilidade da sorte em que os nossos soldados reviveram um minuto de* inexcedivel transfiguração. O seu logar entre nós é hoje o primeiro. E porque é o primeiro, nós daqui o aclamamos entre flores e palmas nosso chefe natural!

António Sardinha.

Como nós somos germanofilos...

UM HEROE

O tenente Annibal de Azevedo



Nesta hora vesperal de angustias, quando se não sabem ainda os nomes dos que pela Patria morreram em terra extranha, publicamos aqui a citação que, em ordem de brigada, louvou o grande portuguez e grande integralista tenente Annibal de Azevedo, propondo-o por distinção ao posto imediato e conferindo-lhe a cruz de guerra de 2.ª classe:

«O tenente Annibal Francisco Gonçalves de Azevedo pela forma como auxiliou eficazmente o seu comandante na preparação do raid fornecendo informações completas sobre o inimigo, sendo o primeiro a entrar nas trincheiras inimigas impulsionando pela sua acção todo o assalto, avançando sem hesitar até á 2.ª linha fazendo frente ao inimigo quando este pretendeu contra-atacar e repelindo-o—revelando grandes qualidades de comando, inteligencia e bravura.»

Que leiam estas linhas e corem de vergonha, se ainda lhes é possivel corar de vergonha, os miseros e vis caluniadores, que na imprensa republicana nos acusam de traidores e germanofilos. O tenente Azevedo foi um dos oficiaes que entrou no movimento de 13 de Dezembro; esteve preso durante mezes sob a acusação de ter medo da guerra e não querer bater-se pela Patria. Pois bem!—Agora perguntamos nós aos insultadores da «*Republica*», orgão do assassino de Newala, e do «*Mundo*», folha do estadista valoroso que se deitou pela janela fora do eléctrico, quando é que pode estampar, nas suas colunas um documento de patriotismo como este que honra e orgulha não só a causa a que pertence, mas a Patria inteira, erguida num vibrante impulso de entusiasmo e gratidão. Não teem conta os integralistas que a França foi teem sobre o peito a Cruz de Guerra nos veio. Já muitos alferes e tenentes prestes a sair oficial e espera ancioso a hora proxima da abalada para que o seu nome possa ser inscrito no quadro de Honra do Integralismo entre os de tantos companheiros de armas que a Patria já hoje abençoa e dignifica na veneração do seu culto.

Que fiquem em Portugal os insultadores profissionaes do jornalismo demagogico, esses varios Trilhos e Sousas que só podem viver, como as viboras, rastejando e erguida e consciencia sem mancha passa despreocupadamente junto deles e tem a generosidade bastante para lhes não esmagar o craneo com o tacão. Emboscados! Que angustia, e que por baixo do fiador da sua espada, carregando, ostentava o simbolo altissimo da Grey, floreça em actos da bravura admiravel e bemdita para que a Patria futura, de lagrimas nos olhos, lamentando a nossa morte, salba exaltar o sacrificio augusto da nossa vida.

Conde de Monsaraz

A Censura

O governo restabeleceu a censura. Achamos bem, desde que não exceda o fim a que se destina e quando uma certa imprensa, mal reaprecida, abuse da gravidade do momento para servir os seus designios partidarios. O governo é que não devia ter abolido a censura. Modifica-la, sim, mas não extingui-la, visto que nos achavamos em guerra. E' mais odioso agora restabelece-la. Mais uma vez se prova a enfermidade de que padecem os governos republicanos!—a falta de previsão. Por nosso lado, limitamo-nos a registar o facto, reconhecendo com espirito de verdades as razões mais que evidentes que levaram o governo a semelhante resolução.

Vêr na segunda pagina

Amelia Rey Colaço, artigo do illustre poeta Afonso Lopes Vieira.

Bispo de Portalegre

Pregou ontem na egreja de S. Domingos o senhor Bispo de Portalegre, Sua Excelencia Reverendissima, que é um prelado virtuoso e sabio, proferiu uma eloquente oração, comovendo os immensos fieis que enchiam o templo.

"As Florsinhas da Rua"

Realizou-se ontem no Teatro de D. Maria, no meio do maior entusiasmo, a recita infantil em beneficio da simpatica instituição de caridade «As Florsinhas da Rua».

Foi uma deliciosa festa de arte, que deixou em todos uma inolvidavel impressão de encantamento.

Os pequeninos artistas de que não faremos menções especiaes para evitar injustas excepções, foram inexcedivels de graciosidade e elegancia no desempenho dos seus papeis e apresentaram-se vestidos com notavel rigor e requintado bom-gosto.

A primeira parte do programa foi primorosamente executada por um numeroso grupo de creanças em trajos *zingaros*, que cantou a *Sinfonia burlesca* de Haydn e a linda canção napolitana *Funiculi-funicula*, com tal segurança e mestria, que mais parecia tratar-se de artistas experimentados, do que de pequenos e improvisados coristas.

Seguiu-se a espirituosa peça em sete quadros «*A Carochinha*», adaptação scenica de Eduardo Scwalbach, com musica de Filipe Duarte, da tradicional *his*

da Carochinha. O desempenho foi primoroso por parte de todos os interpretes, tanto na parte da declamação, como na dos córos e bailados, sendo de notar o deslumbrante efeito das ricas *toilettes* das personagens daquela côrte liliputiana.

O ultimo numero do programa foi constituido pela deliciosa mimica composta pela ilustre Senhora D. Maria de Lancastre Vanzeller e musicada por Ruy Coelho, *O Sonho da Pobrezinha*. Antes de se erguer o pano para este acto, o joven mas já distinto poeta sr. Herculano de Carvalho veio ao proscenio ler uma linda poesia que compoz para prologo da mimica.

E' inexprimivel o perfume de beleza que se evola do admiravel bailado, em que figuras gracis de creanças se movem como suspensas numa nuvem de sonho, branca e côr de rosa. E' como se fossemos transportados aos jardins mágicos de Klingsor, com a diferença de que as flores que aqui se animam e movem, num ritmo imponderavel, não são de perversão como aquelas, mas sim flores de altissima pureza.

Visconde S. Luiz Braga

Missa de sufragio

Comemorando o 30.º dia de fallecimento do sr. Visconde de S. Luiz Braga, o activo e inteligente emprezario do antigo Teatro D. Amelia, filho do nosso querido amigo Dr. Luiz d'Almeida Braga, a empreza daquele teatro, mandou rezar hoje, pelas 11 horas da manhã, na egreja dos Martyres uma missa de sufragio, da qual foi celebrante o rev. prior conego Miguel Augusto Ferreira.

Antes da missa a Orchestra Portugueza, sob a regencia do maestro Pedro Blanch executou o preludio do Parcifal e durante a cerimonia a «Marcha funebre» da 3.ª sinfonia de Beethowen e o «Encantada Sexta-Feira Santa» de Wagner.

A «Elevação» foi executada com melodia para canto, harpa e orgão, expressamente escripta para este cerimonia pelo rev. Thomaz Borba, cantada pela sr.ª D. Sarah de Sousa e acompanhada a orgão e a harpa pelas sr.as D. Alda Carneiro e D. Cecilia Borba Costa.

A assistencia era numerosa, vendo-se o templo repleto de artistas e demais pessoal dos differentes teatros, escriptores, jornalistas, emprezarios, amigos do finado, etc.

A empresa do *Teatro de São Luiz* estava representada pelo sr. Antonio Ramos, a Trindade pelo sr. Carlos Borges, o Ginasio pelo sr. Nobre Martins, o Nacional, pelos actores Eduardo Brazão e Joaquim Costa; Politeama pelo sr. Luiz Peretra; Apolo pelo sr. Macedo e Brito; o actor Augusto Rosa pelo sr. Pedro Vidoeira; a Associação dos Trabalhadores do Teatro, pelos srs. Eduardo Fernandes (Escuapio), Alvaro Cabral e Alfredo Mantua; o antigo emprezario sr. comendador Freitas Brito, pelo sr. Guilherme de Brito; o sr. Magalhães Lima, pelo sr. Artur Tavares de Mello; a actriz Adelina Abranches, pela actriz Anita Leitaly; *O Diario Nacional*, pelo nosso colega Luis Trigueiros e *O Dia* pelo seu director e *A Monarquia* pelos srs. Conde de Monsaraz e dr. Antonio Sardinha.

A homenagem no Teatro de S. Luis

Terminada a missa nos Martires, os artistas, escritores, jornalistas e empresarios dirigiram-se para o *foyer* do antigo teatro D. Amelia, onde a actriz Lucinda Simões descerrou a lapide que tem a seguinte legenda: «Homenagem ao Visconde de S. Luiz Braga—14 de março de 1918».

Em seguida falaram os srs. Eduardo Schwalbach e dr. Augusto de Castro e por fim o empresario sr. Antonio Ramos, que depois de se referir ás qualidades do seu socio e amigo declarou passar a denominar-se *Teatro S. Luis* o antigo D. Amelia.

Rol de honra

Por absoluta falta de espaço somos obrigados a retirar o nosso Rol de Honra enviado da secretaria da guerra—publicá-lo-hemos amanhã.

NOVIDADE LITERARIA

"Ana Maria,,

Peça em um acto

por

AUGUSTO RAPOSO

A' venda em todas as livrarias

Preço 360 réis

Censura e apreensão de jornaes

Pelo presidencia da Republica foi ontem publicado no «Diario» o seguinte decreto:

«O governo da Republica Portuguesa decreta, e eu promulgo, para valer como lei, o seguinte:

Art. 1.º São restabelecidas e entram immediatamente em vigor as leis n.º 495, de 28 de março de 1916, e a de 9 de julho de 1912, publicada no «Diario do Governo» n.º 164, de 15 de julho do mesmo anno.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Determina-se, portanto, que todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer, o cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como nelle se contem.»

A primeira das leis a que mandou sujeitar á censura preventiva os jornaes e outras publicações, a segunda, a que determina apreensão.

Esta é exercida em um dependencia do ministerio da Guerra.

Exercicios de artilharia

A'manhã a turma de artilharia da Escola de Oficiais Milicianos fará exercicios de peça na Serra do Monsanto, motivo porque as detonações que se ouvirem não devem alvoroçar.

Amelia Rey Colaço



Ha cinco anos, uma menina pertencente a uma familia excelente pela tradição do seu lar e ilustre pelo timbre do seu trabalho artistico, recitava os versos que eu compuzera para minuar no ouvido dos pequenos o segredo dos ritmos que ordenam e desenvolvem as almas, e tambem para tentar fazê-los sorrir, aspirando deste modo ousadamente áquele premio que Eça de Queiroz, escrevendo de inglaterra para o Rio de Janeiro, declarava preferir aos milhões do Brasil e ás altas honrarias da gloria. Essa menina encantadora era a mais nova de tres irmãs artistas, uma que interpretava notavelmente o *lied* e desenhava com subtileza, a outra, fina virtuose do piano. Mas esses versos ingenuos, poesias de cartilha, brinquedos de *nursery*, eram ditos e sentidos com uma graciosidade tão bonita, sugeriam uma tão leve frescura aos que os ouviam, que ainda nos meus ouvidos canta o chilreio dessa voz, e quasi me convenci então que o que eu rimmára para fazer uma modesta concorrencia aos vibrantes clarins de folha e aos bonecos, possuia com efeito uma musica palpitante... Passaram cinco annos—dir-se-ia que passaram cinco seculos se pensarmos nas voltas do mundo, sobre que desabaram todos os flagelos trazidos pelo Monstro horrendo do Norte! Cinco annos.

Foi ontem—é que passado immenso! Entretanto, abalaram-se os imperios, a terra enchuiu-se de latos de catastrofes, e tambem,—assim como os rouxinoes entoam a sua ode lirica e perlada nos intervelos de silencio em que os canhões deixam repousar a noite—ergueram-se sonhos, esperanças floriram, almas desabrocharam... Cinco annos—conto-os sentindo aquele vago panico que o tempo é a sua medida me fazem sempre—de a pequena recitadora de antão é hoje esta afirmação radiosa de talento—Amelia Rey Colaço. Ela é da raça dos Artistas natos—os unicos que nos interessam, porque eu Arte pouco se pode aprender e quasi tudo se tem de adivinhar. E a evocação que se manifesta quando o teatro foi a irresistivel impulsão duma alma empolgada pela sua quimera, acreditando na sua estrela, tendo de lutar heroicamente para viver a vida do modo unico, por que a vida lhe podia sorrir... E foi. E' com simplicidade, venceu.

Em a noite da sua estrela, Augusto Rosa, o glorioso representante duma admiravel estirpe de artistas, agora temporariamente retirado da profissão que honrou sempre com tanta nobreza—levou-lhe á scena um grande ramo de flôres e ofereceu-lhas com a comoção de quem via assegurar-se com caracteristica pujança a personalidade daquela que ele com tanto carinho encaminhára nos primeiros passos, como amigo querido e raro em cujo saber se pode confiar—saber não apenas de experiencia feito,—que esse pode ser scepticó e frio,—mas provindo da sua paixão absorvente pelo teatro, do seu amor de actor, de ensaiador, de escritor, e de todos esses ramos afirmando—e isto é primacial tambem em Arte—com uma *boa educação* perfeita.

No ensaio geral da *Marianela*, Lucinda Simões disse-me estas palavras textuais, que, por serem de grande actriz, não podiam perder-se na minha memoria e ficam vibrando com um clangor de gloria:—«No meu tempo, assisti a tres estreias que se não esquecem: a de Regina Pacini a da minha filha, e a de Amelia Rey Colaço.

Olavo Rey Colaço

Dessas tres estreias é esta a que me parece mais notavel.» Mas, na primeira noite da *Marianela*, alguem houve que viu, pelo seu lado mais comovedor, o aspecto do caso excepcional.

Foi Eduardo Schwalbach, que alia ao seu grande talento de homem de teatro a simpatia de ser um homem de coração, e veio falar-me com as lagrimas nos olhos, sem as esconder diante de mim, exprimindo o que eu proprio experimentava, confessando a ternura que lhe fazia vêr chegar de casa de seus pais esta menina e moça da Arte, trazendo envolta numa flama ardente a flôr da sua alma...

Amelia Rey Colaço tem amanhã a sua primeira *serata d'onor*.

E' uma data de gala para todos os espiritos eleitos.

E' uma data de gloria para a mocidade portuguêsa, donde ela mesma saiu para ir ao tablado realisar, quando os poetas lh'os derem com Beleza, os sonhos da nossa arte, a que a sua vinda trouxe possibilidades novas. Por um feliz pensamento, Amelia Rey Colaço representará nessa noite, além do acto andaluz dos Quinteros que interpretou ainda como amadora, o primeiro acto inolvidavel da sua peça de estrela, e o seu galantissimo papel no precioso auto do *Vitral*, em que uma maneira deliciosa—e até aí não conhecida—da actriz, se póde revelar com todo o gracil e gentil valor.

Donzela bemvinda ao teatro portuguêz, boa-nova para a gloria da Raça cuja linguagem canta na sua voz, é a sua festa de amanhã leve-lhe o publico a gratidão mais sentida, levem-lhe os moços as aclamações mais belas, levem-lhe os poetas as mais floridas rosas!...

Alonso Lopes Vieira.

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

A Westminster Gazette notava outro dia (com bastante razão, deve reconhecer-se) que esta guerra não é só entre a Inglaterra e a Alemanha, ou entre a França e a Alemanha, ou ainda entre a Italia e a Alemanha, mas sim, efectivamente, uma guerra entre todos os aliados e as potencias centraes.

A allusão ao pacto de Londres—já tão esquecido, vinha a verdade,—desde que os Estados Unidos viessem tambem ás armas no geral conflicto—é evidente, como evidente é o remoque lançado a Clemenceau e a quantos se prova estar haverem, por portas travessas, entrado em conversas com o conde Czernin, da Austria.

Aoure-se o que se apurar, ou que a iniciativa partiu da banda de lá do Rheno ou do lado de cá, o que é indubitavel é que se falou em paz isoladamente entre a França e a Austria.

Que a França jamais abdicou dos seus direitos á Alsacia Lorena.

De acôrdo, mas... falou-se em paz e falou-se em paz isoladamente.

Quem aqui ha tempos lêsse com atenção o «Bulletin du jour» do Temps, notava com efeito uma diferença de tratamento da parte dos francêses para com os subditos do imperador Carlos, em relação aos alemães.

Até certas gentilezas de frase não muito usuaes da parte dos aliados para com os seus adversarios de Vienna.

Houve, pois, conversas privadas e em pais neutro—na Suissa.

Ora, como diz o jornal londrino citado, «nenhuma nação pode confiar a sua honra e segurança a um tratado separado com o inimigo.»

Não queria decerto assim proceder a França, estamos certos, pois toda a gente sabe a que elevado grau a patria de Jeanne d'Arc tem levado o seu sacrificio. Mas os seus politicos e os seus diplomatas, cujas provas de inferioridade são notorias (dizemo-lo muito francamente, embora saibamos que incorremos no *Index* aliadofilo), não viram o seu erro e ao que se sujeitavam...

Os Imperios Centraes—e a Austria evidentemente procedeu inspirada pelo seu «fil-guia», a Alemanha—podem bem arriscar-se a taes empresas, pois não escondem o seu fito de tratar separadamente com cada um dos adversarios a paz.

Pois não é esse mesmo o objectivo supremo da actual ofensiva: separar os inglêses dos francêses para depois cair sobre a França e levá-la a bem ou a mal á paz?

Portanto o que pode fazer a Austria não o pode a França sem se arriscar a que lhe suceda o que... sucedeu.

Esta é a verdade que salta á vista dos que assistam ao desenrolar dos acontecimentos «a frio» e sem se deixar cegar pela paixão.

Contestar que a diplomacia aliada não tem estado á altura da sua missão, cramos ser cousa... incontestavel...

E' a diplomacia das democracias e para nós tudo quanto diga respeito a taes «Mamas» traz a marca da casa.

Talvez por este motivo nos chamem germanofilos, traidores e maus portuguêses. Não perderemos o somno todavia por isso. As cousas são o que são e a verdade é a verdade.

Agora se para ser bom português é preciso aplaudir ás mãos ambas o que faz o Quai d'Orsay e mais o «Foreign Office», se para ser bom patriota é preciso ser democrata, anti-militarista, e curvar reverente a cerviz a todas as babosices do Grande Oriente da Rué Drouot, então nós seremos... traidores, vendidos e sem patria...

Porque emoção só a sentimos em geral por todos os que se batem na linha de batalha e em especial por essa nossa querida gente portuguêsa, que no Lys, perante um inimigo muito superior, sem dispor de reservas e quando a situação já tão comprometida estava pela retirada da divisão inglesa que apoiava a nossa esquerda em Fleurbaix, a sul de Armentières, só retirou na ultima extremidade de Laventie.

Por esses sim!

Já os aliados, ingleses e francêses, lhes não poupam elogios, os mais justos e merecidos. E o inimigo, que é uma nação verdadeiramente militar, para quem o culto da farda é um dogma, seguir-lhe-ha decerto o exemplo—no que nada mais fará do que o seu dever.

Já não estamos nos tempos de Fontenoy e da «guerre en dentelles» bem o sabemos...

Mas a honra militar é a honra militar em qualquer longitude!

Saturio Pires

Livros novos

O inglez sem mestre.—Novo metodo para aprender a ler, escrever e falar a lingua inglêza em 6 mezes, por H. G. Ollendorff, adaptado ao uso dos portuguezes por Harte Milner e Jacob Bensabat. 8.ª edição, refundida e modernisada pelo professor J. Teixeira de Sousa. 1 vol. de 490 paginas, solidamente encadernado, 2$000 réis.

O Grande Circo—romance de Gervasio Lobato. 2.ª edição illustrada com 200 desenhos de Henrique Cabral. 1 grosso vol. de 600 paginas, br. 1$200 réis; enc. 1$600 réis. Parceria A. M. Pereira, Livraria Editora, R. Augusta, 44 a 54.

Pitta & C.ª— Camiseiros — Artigos de novidade

195—RUA AUGUSTA 197—Telef. 1584

Um português

O tenente Annibal de Azevedo—Uma entrevista com o reverendo Avelino de Figueiredo

Chegam-nos telegramas do *front*. São noticias terriveis que veem. Os alemães desencadeiam a sua loucura, a sua força, os seus soldados e a sua metralha, contra as nossas trincheiras e contra os nossos soldados. E' uma luta desigual. Recuam os nossos, recuam os inglêses e recuam os francêses. Mas os nossos, os valentes serrinhos, são sempre os ultimos a recuar. Morreram muitos? Mas veem povoar as paginas da nossa Historia.

Agora mais do que nunca, Portugal é conhecido lá fóra. O nome português atravessa o mundo inteiro, de norte a sul. Os jornais de Londres traçam o seu elogio. Paris comove-se e admira-o. E os alemães, que a principio se riram dos nossos soldados, agora, ao ve-los tão valentes, preferindo a morte honrosa á fuga, pasmam-se da sua heroicidade, da sua resistencia.

Portugal foi sempre assim. Pequenino e humilde, debruçado á beira-mar como que a lêr destinos, Portugal, pequenino, tem sempre o gesto da grandeza.

Chegam telegramas do *front*. Os alemães, numa marcha pesada, como que trazendo fatalidades, avançam, avançam sempre. Recuam todos, inglêses, francêses e portuguêses. Mas os nossos soldados, são sempre os ultimos a retirar. Recuam lutando, recuam como herois. Em cada palmo de terra que deixam, escrevem com sangue generoso, e quente, o nome de Portugal. Lembram-nos nomes. São parentes e amigos que lá estão, no *front*, prisioneiros, mortos, quem sabe?

A' nossa memoria, convulsionada agora, chegam todos, os desconhecidos até. E' uma massa cerrada de portuguêses, officiaes e simples soldados que se agitam, armas na mão e despejam toda a metralha contra o inimigo; é um povo de herois que sobem mais alto, do que o sol, no heroismo e na agonia, dos que vencem e dos que caem.

E vemos no meio dos nossos soldados, Annibal de Azevedo, o olhar extranhamente iluminado, o gesto nervoso, gritando, entusiasmado para os soldados, para que façam fogo, para que avancem. Agita-o uma loucura, quasi divina, onde ha o reflexo do nosso sol que incendeia as nossas almas e poz um diz estrelas de oiro nas velas duns navios que lá foram perder-se para os confins do mar, para nos não perdermos na nossa propria terra.

Annibal de Azevedo! Quem nos falará dele, da sua coragem, do seu heroismo? Procuramos o seu nome em todos os jornaes. O seu nome não aparece, nas tambem não aperecem outros.

Mas ha alguem que o conhece, que o viu de perto nas trincheiras, que assistiu a algumas das suas aventuras arriscadas, mas que lhe ilustram o nome.

E' um padre português ao amor da Patria, segrada junta o sagrado amor de Cristo. E' o verdadeiro soldado:—batalha pelas nossas almas, batalha pela nossa Patria.

Dirigimo-nos ao reverendo Avelino de Figueiredo. E' no hospital da Ordem Terceira que o encontramos. Acabára de vêr os seus doentes. Perguntamos-lhe se leu os telegramas da guerra, e se sabe da nossa epopeia no *front*.

O Padre Avelino de Figueiredo comove-se, os olhos humedecem-se-lhe. Chora. Lembra-se dos *seus* soldados, com quem esteve 15 longos mezes, animando-os e partilhando com eles das mesmas angustias e das mesmas anciedades.

Falamos-lhe do alferes Anibal de Azevedo e pedimos-lhe nos conte a sua vida no *front*

O padre Avelino de Figueiredo, que tambem esteve no *front*, e nas primeiras linhas, e viu aí quem eram os herois e os valentes, entusiasma-se com o falarmos-lhe de Anibal de Azevedo.

—Deve ter mostrado agora, diz-nos o padre Avelino de Figueiredo, toda a valentia de que era capaz. E' um português de lei, o alferes Anibal de Azevedo.

Conheci-o em casa do meu querido amigo, sr. Conde de Monsaraz, em vesperas da sua partida para o *front*. Pesava entre sobre ela a acusação de implicado no movimento de 13 de Dezembro. Mas Anibal de Azevedo estava alegre. A sua consciencia não se manchara, e a sua alma não renegára Portugal.

De ois, mais tarde, continúa o padre Avelino de Figueiredo, encontrei-o na ambulancia de Marthes. Jantámos e conversámos. Eramos integralistas. Falámos da nossa terra, dos nossos amigos, do nosso movimento. E foi então aí que eu vi as duvidas do seu espirito em materia religiosa. Ele tinha o desejo e a magua de não ser um crente pratico. Comovenme. Eu nunca vira uma alma tão disposta para compreender e aceitar os principios da nossa religião.

Quando voliámos para o *front*, ele foi collocado no 14 de infantaria. Como ficava pertencendo á minha brigada, eu tive ocasião de apreciar as suas brilhantes qualidades de militar.»

E o padre Avelino de Figueiredo dá-nos pormenores da sua vida. E' o seu pelotão que se distingue de todos os outros, pelo aprumo e pela limpeza; é o proprio alferes Anibal de Azevedo comprando á sua custa a pomada com que os soldados limpavam os botões das suas fardas. Anibal de Azevedo interessava-se pelos seus soldados; exigia deles a maior disciplina e o maior aceio, e fazia tudo quanto podia pelo seu levantamento moral e disciplinar.

E Anibal de Azevedo nas trincheiras! Não conhecia medo, nem evitava perigo. De porte fidalgo, de maneiras atenciosas, nos momentos difíceis, cortados de perigos, quando as balas sibilavam, e as granadas iam rebentar de encontro ás trincheiras, ele transfigurava-se e lá ia á frente de todos para que o seguissem e não tivessem medo. O seu entusiasmo reflecte-se e desdobrava-se nos soldados que se sentiam possuidos da mesma energia.

Quando as patrulhas e os *raids* principiaram no seu batalhão, Anibal de Azevedo foi o primeiro a oferecer-se para esses trabalhos arriscados. Porque era o mais audacioso de todos, porque nos seus actos revelava uma grande inteligencia, ele foi o comandante de todas as emprezas arriscadas.

Ria de todos os perigos e troçava da valentia do inimigo. Mas nunca teve a felicidade de mostrar de quanto a sua valentia era capaz. Uma vez, tendo-se de fazer um *raid* importante, Anibal de Azevedo foi escolhido pelo general Gomes da Costa para seu comandante, organisador e director. Não quiz a sorte que Anibal de Azevedo conseguisse entrar nas trincheiras alemãs, porque o *raid* tendo sido presentido pelo inimigo, teve de recuar para as nossas trincheiras, debaixo de intenso fogo e das rajadas das metralhadoras.

Mas a brigada a que pertencia o padre Avelino de Figueiredo, retirou do sector de Fauquissart, sendo substituida pela brigada de Lisboa. No dia imediato a infantaria 1 teve um ataque alemão terrivel. Era uma hora da noite. Momento de anciedade e emoção. Grandes sombras negras movimentam-se e crescem no ar. Sentem-se passos precipitados. Vozes tremulas, mas masculas, cortam o silencio gelado da noite.

Anibal de Azevedo, inesperadamente, corre á 1.ª linha. A' entrada, um sargento desnorteado pelo ataque, pergunta-lhe:

—Quem vem lá?

Anibal de Azevedo, palido, desgrenhado, mas cheio dum entusiasmo louco, ataca.

—Diga o santo e a senha, repete novamente o sargento.

Anibal de Azevedo declina o santo e senha e pergunta:

—Que ha?

—São os alemães, meu alferes, responde o sargento.

—Quantos, onde os viste?

—Não sei, mas dizem que são muitos.

A infantaria 1, inexperiente ainda, entrava nas primeiras linhas, pela primeira vez.

Horrivel e angustiosa, foi a sua primeira experiencia. Morteiros e granadas de grande calibre rebentavam ruidosamente. Dante nunca imaginou um espectaculo assim...

Anibal de Azevedo, sente invadir-lhe todo o seu ser uma alegria estranha. Vai finalmente mostrar toda a sua valentia e toda a sua inteligencia.

Corre á 1.ª linha, e aí, em pouco tempo, organisa a resistencia. Mas no seu entusiasmo louco, ha muito de consciente e reflectido. Por isso o seu trabalho foi coroado com a maior eficacia.

Todos os pelotões que estiveram em contacto com ele, receberam a sua energia e a tranquilidade de espirito imprescindiveis em taes momentos.

Pouco depois viram-no em Duks Bill, distante das trincheiras alemãs uns 25 metros, sereno, risonho, braços cruzados, o olhos banhados de alegria, como se estivesse em sua casa.!...

—Na minha vida de 15 mezes de trincheiras, diz-nos o padre Avelino de Figueiredo, eu vi oficiaes competentissimos e valentes, mas nenhum igualava ou excedia as qualidades militares de Anibal de Azevedo!»

O ataque alemão continua, pesado, fatal. As tropas portuguêsas estão pela primeira vez em contacto com o loucura e a força dos alemães. A luta é desigual, mas o heroismo, dos portuguêses é maior.

Anibal de Azevedo? Prisioneiro? Quem sabe? Heroi? E porque não?

Anibal de Azevedo não deixou com certeza de tomar parte nestes ultimos combates.

Rebelo Botencourt

Nota — Depois de composto este artigo, soubemos que os esforços do tenente Anibal de Azevedo tiveram a homenagem devida, com a promoção ao posto imediato.

Viscondessa de Pindella

Dolorosamente nos veiu surpreender a noticia da morte da nobre Senhora Viscondessa de Pindella. Espirito de eleição, alma aberta ás mais puras manifestações da bondade, pertencendo pela sua familia a uma geração de artistas, de nobilissimos corações e verdadeiros fidalgos, a Senhora Viscondessa de Pindella era a legitima representante das tradições de honra e lealdade da nossa fidalguia. Voluntariamente sequestrada da vida da sociedade em seguida á queda da Monarquia circunscrevera a sua vida ás paredes do seu antigo solar minhoto na linda terra que no seu seio guarda o cadaver desse grande português da sua familia e que em vida se chamou o Conde de Arnoso.

E porque sabiamos a bondade do seu caracter diamantino e a estima de que todos a cercavam imaginamos a dôr que neste momento deve alancear o coração de seu filho e nosso amigo, o Senhor João Affonso Pinheiro (Pindella) que contem partiu para o seu solar a dizer o ultimo adeus ao cadaver de sua estremecida mãe.

Ao nosso querido amigo, suas irmãs e toda a familia enlutada, apresentamos a expressão do nosso mais profundo pezar.

Perfumaria Balsemão

241 RUA DOS RETROZEIROS 241

TELEPHONE 2777 LISBOA

Festa de caridade

Realiza-se no proximo dia 19, no antigo Teatro D. Amelia, uma festa de caridade, promovida por uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade, a favor das crianças pobres de Lisboa.

Os bilhetes que ainda restam, encontram-se á venda na Avenida Duque de Loulé, 94, 2.º E, até á vespera do espectaculo.

Companhia de Seguros «Ultramarina»

Acabamos de receber o relatorio da direcção e parecer do conselho fiscal desta importante Companhia de Seguros Maritimos, que demonstra a sua grande prosperidade.

Tauromaquia

Campo Pequeno

Com a transferencia para o proximo domingo da corrida inaugural da temporada, muito teem a ganhar o aficionados, pois que representa mais oito dias de tratamento especial para os touros, os quaes, com o repouso que teem nos currais da praça do Campo Pequeno, e com a ração farta que lhes é dada, devem estar no proximo domingo com excelente apresentação. As castas de que procedem, manadas de Ernesto Infante e Dr. Antonio Siqueira, são das melhores castas portuguêsas. Aproveitados, como devem ser, pelos artistas, que são os melhores lidadores portuguêses de pé e de cavallo, esses touros devem proporcionar uma animadissima...

Provincia

Tortozendo, 11.

Ha dez dias a esta parte que o tempo se apresenta muito chuvoso mostrando-se com isso bastante satisfeitos os lavradores.

—De passagem para a Erada onde se encontra com demora de alguns dias esteve aqui o Sr. Dr. Francisco Garrett de Castello Branco.

—Vieram a esta localidade os Sr. Dr. Silvestre de Moraes e familia da Covilhã, e Dr. Pereira Monteiro, da mesma cidade.

Contra a guerra

A «COMPANHI GARANTIA» effectua seguros de GUERRA bem como contra TUMULTOS e GREVES. Agencia: José Henrique Tota & C.ª, banqueiros R. Auren, 69 a 75. Telef. n. 1589-C.

Teatros e cinemas

Festas artisticas

A de Maria Pia.—Maria Pia, a talentosa atriz do Nacional tem hoje, ali a, noite da sua festa, que é, sempre, das mais brilhantes e entusiasticas, affluindo ao elegante teatro tudo quanto de mais distincto ha em Lisboa.

O espectaculo promette ser excepcional: consta da premiere da peça de Julio Dantes «D. Ramon de Capicheuelo» e da reprise da «Menina virtuosa» uma graciosissima comedia que, no lindo teatro, ha obteve o mais extraordinario agrado.

Para esta recita estão tomados os principaes logares pela elite da nossa sociedade.

Ji—De Rafael Marques.—Noite de festa vibrante de enthusiasmo é ser a de hoje no Apolo, consagrada ao distincto actor Rafael Marques. O programma da recita é dos mais atraentes: consta da premiere da peça de Ruy Chianca «A alma de D. João» e da reprise, em recita popular, de «O marty» do emprehendedor e sympathico Nascimento, Gomes, Carlos Leal e outros interpretarão os seus numerosos papeis em que tem notabilissimas creações, formando, tudo, um conjunto de inexcedivel brilhantismo.

Cinemas

COLISEU DOS RECREIOS.—O Coliseu dos Recreios onde se teem apresentado as mais colossaes creações cinematographicas, estreia-se hoje com o espectaculo da moda desta noite a 2.ª jornada da soberba pelicula «Os misterios de Paris», intitulada «O Principe Rodolfo», em que se desenvolvem algumas das mais belas, vigorosas e sentimentaes scenas do colossal romance de Eugenio Sue que todo o mundo conhece e admira.

OLIMPIA.—Hoje em elegantissima matinée estreia-se a amanciada pelicula Alice Brady «Frou-Frou».

Se constitue um triunfo para Miss Brady tambem o constitue para a empreza que apresentando «Frou-Frou» provou ao publico de Lisboa que nem só Bertini ou Boreli podem fazer arte, e que na America ha muito melhor. Alice Brady conseguiu bater o record da perfeição sem exageros julgos.

«Frou-Frou» repete-se na soirée da moda de hoje.

NOTA

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida para este jornal a João Telles, afim de ser publicada.

Palmyra Callixto

Tratamento de senhoras e creanças

Massagem medica manual e electrica Gymnastica medica e sueca. Tratamento a pelle e cabellos. Manucure.

Calçadão do Sacramento, 91. 2.º

TELEPHONE 4559

ESPECTACULOS

TRINDADE — A's 9 — «Ao Deus dará» revista.

GINASIO — A's 9 e 15 — O Raio.

EDEN.—A's 9 e 15 — A revista «A torre de Babel» e o quadro novo «A semana alfacinha».

COLISEU DOS RECREIOS — A's 20,30— Espectaculo de moda. Estreia da 2.ª jornada da «Os Misterios de Paris».

SALÃO FOZ.—A's 2 3/4 e 9 1/2 — A revista E' egoista.

SALÃO DOS ANJOS.—A's 2 — A revista Cruzes Canhoto.

Chiado Terrasse—Animatographo e concerto.

Olimpia—Animatographo e concerto.—Matinées todos os dias.

Salão Central—(Palacio Foz)—Animatographo e concerto.

Chiado Condes—Animatographo e concerto. «Matinées» ás quinta-feiras.

Cinema Colossal, Coliseu de Lisboa—Animatographo e variedades.

Salão da Trindade — Animatographo e concerto.

Salão Lisbon, á Guia—Animatographo.

Salão do Rocio—(R. Arco Bandeira)—Animatographo.

Cine-Paria—Animatographo.

Chantecler—Todas as noites fitas faladas.

JARDIM ZOOLOGICO.—Exposição permanente.